

A COPA DO MUNDO DA ESPANHA: CONJUNTURA HISTÓRICA E EXPECTATIVAS EM VEÍCULOS DA IMPRENSA ARGENTINA

Alvaro Vicente do Cabo¹

Resumo: O presente artigo tem como tema a Copa do Mundo de 1982 e os principais objetivos são: descrever a partir de uma perspectiva historiográfica o contexto político-econômico da organização do mundial realizado na Espanha e analisar a partir de veículos midiáticos argentinos (El Gráfico e Clarín) as expectativas em torno da participação no torneio da seleção campeã mundial de 1978, em uma conjuntura de guerra com a Inglaterra pelas Ilhas Malvinas. Na primeira parte o foco foi uma contextualização histórica da organização do evento no país-sede e sua posição na conjuntura política espanhola no período da transição democrática. O segundo item do artigo aborda reportagens sobre o mundial espanhol nos veículos argentinos mencionados observando também a importância atribuída nos periódicos ao confronto bélico da Guerra das Malvinas.

Palavras-chave: Copa do Mundo, História política, Imprensa argentina, Guerra das Malvinas.

LA COPA DEL MUNDO DE ESPAÑA: CONJUNTURA HISTÓRICA Y EXPECTATIVAS EN VEHÍCULOS DE PRENSA ARGENTINA

Resumen: El artículo propuesto hay como tema la Copa del Mundo de 1982 y sus principales objetivos son: describir de acuerdo con una perspectiva historiográfica el contexto político y económico de la organización del mundial ocurrido en España y analizar desde vehículos mediáticos argentinos (El Gráfico, Clarín) las expectativas alrededor de la participación en el torneo de la selección campeona del mundo en 1978, en una coyuntura de guerra con la Inglaterra por las Islas Malvinas. En la primera parte el foco ha sido una contextualización histórica de la organización del evento en el país anfitrión y su posición en la coyuntura política española en el período de la transición democrática. El segundo elemento del artículo enfoca reportajes sobre el mundial español en vehículos argentinos mencionados buscando también la importancia asignada en los periódicos al enfrentamiento bélico de la Guerra de las Malvinas.

Palabras-claves: Copa del Mundo, Historia política, Prensa argentina, Guerra de las Malvinas.

¹ Doutor em História UFRJ/PPGHC, Mestre em Comunicação Social PPGCOM/UERJ. Docente na UCAM (Universidade Cândido Mendes) e Prefeitura RJ.

Introdução

Em 1978, ano em que foi realizado o Mundial da Argentina por uma Junta militar extremamente autoritária em um regime político conhecido como Processo, a Espanha que disputou o torneio e sediaria o próximo campeonato mundial de futebol estava em um período de transição democrática.

A ditadura tinha terminado com a morte do general Francisco Franco no ano de 1975 e o Rei Juan Carlos I assumira o posto de chefe de Estado. Esta situação emergencial foi legalmente referendada com a promulgação de uma constituição elaborada por representantes eleitos democraticamente em dezembro desse ano conforme destaca o historiador Juan Simón em artigo sobre o torneio².

El proyecto de España 82 se desarrollará durante uno de los periodos de mayores transformaciones políticas y sociales que vivirá el país. El proceso de transición política a partir de la muerte de Franco supondrá avanzar hacia una nueva fase de recuperación del sistema político democrático junto con las diferentes instituciones que lo representan, al mismo tiempo que también provocará la necesidad de incorporar a España en el proceso de integración de Europa, que tendrá su referencia en lo que se conocerá como Unión Europea. (SIMÓN, 2012, p. 4)

O fato da Copa de 1982 ser realizada em um país europeu que se consolidava como uma nação democrática após décadas de regime autoritário, cujas eleições legislativas realizadas naquele ano seriam vencidas pelos socialistas³, contribui para refletirmos também sobre a situação política argentina que ainda permanecia governada pelos militares, mas passava por uma conjuntura histórica complexa que influenciaria em um processo de abertura política deveras traumático.

Na Argentina, que era a campeã do mundo e contava com a jovem estrela Diego Armando Maradona, o ambiente às vésperas do torneio era de comoção, pois o país estava envolvido na Guerra das Malvinas contra a Inglaterra. Geopoliticamente, o conflito havia sido uma tentativa do governo militar de Leopoldo Galtieri se manter no poder ou pelo menos assumir um papel de liderança na condução da transição democrática.

O conflito estimulava o nacionalismo exacerbado, buscando reverter a opinião pública descontente e tirar o foco do caos econômico que vivia o país e da formação da aliança política Multipartidária.

² Utilizei neste artigo duas referências do historiador Juan Simón que foram muito importantes para compreender a história do torneio realizado na Espanha: um livro sobre o Mundial “Espanña 82. La Historia de nuestro mundial” e o artigo “El Mundial de fútbol de 82: Escaparate de la nueva democracia española” ambos de 2012.

³ Durante o torneio, o primeiro-ministro espanhol ainda era Leopoldo Calvo Sotelo, mas o PSOE (Partido Socialista Obrero Espanhol) ganhava força nas ruas para a vitória esmagadora nas eleições legislativas de outubro que levaram ao poder o Primeiro- Ministro Felipe Gonzalez.

Paradójicamente, el sesgo oportunista de los nuevos duros – tal vez porque comprendían que pese a todo estaban agotadas las posibilidades de reprimir con eficacia – revela que también a ellos les tentaba en el fondo mucho más ser amados que temidos, sólo que confiaban de todas maneras en la fuerza para frenar el cambio en el clima de opinión y las movilizaciones, que aunque habían sido paulatinas y no tan difundidas, eran el inicio de un proceso sin retorno si el régimen no hacía algo drástico para cambiar la situación. En suma, el Proceso seguía siendo un régimen muy pendiente de la opinión aun cuando se convencía de que debía gobernar la sociedad sin escuchar sus reclamos. Y, dado que no se consideraba viable una represión suficientemente amplia y sostenida para disciplinar la opinión pública, de lo que se trataba era de seducirla y disputársela a los políticos. (NOVARO E PALERMO, 2013, p. 401)

Entretanto, com a morte de cerca de 700 argentinos e 300 ingleses e a rendição do país no dia 14 de junho⁴, curiosamente um dia após a estreia da seleção argentina, com derrota para os belgas, Galtieri, nem temido e muito menos amado, não consegue se manter a frente do regime e renuncia no dia 16, sucumbindo a pressão das pessoas nas ruas e dos próprios generais do exército:

Miles de personas indignadas salieron a las calles. Como consecuencia de esto el 16 de junio los generales obligaron a Galtieri a renunciar, mientras la Armada y la Fuerza Aerea se retiraban de la Junta buscando cargar éste y los demás fracasos del régimen sobre la espalda de sus pares de tierra. Éstos designaron entonces en soledad al general retirado Reynaldo Bignone para encabezar un nuevo gobierno. Y Bignone anunció inmediatamente el inicio de la transición a la democracia. (NOVARO, 2011, p.189)

O General Reynaldo Bignoni assume o governo com a tarefa de promover uma abertura política que culminará com as eleições do representante do partido Union Cívica Radical, Raúl Alfonsín, para a presidência do país, em 1983, encerrando, assim, uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina.⁵

Neste sentido a conjuntura histórica em que se encontrava a Argentina no momento do mundial realizado na Espanha é muito interessante para estabelecermos neste artigo um contraponto com a situação política do país-sede a partir de uma perspectiva da Nova História política e utilizando como fontes de análise no caso argentino veículos da imprensa do país.

Trata-se de dar uma continuidade a pesquisas pessoais que envolvem a relação entre as Copas do Mundo, política e veículos da imprensa com um olhar histórico sobre a conjuntura da realização dos torneios e as representações geradas nos periódicos analisados.

Assim sendo, o presente artigo tem como objetivos primeiramente descrever o contexto político-econômico da organização do mundial

⁴ Dados retirados de NOVARO (2011, p. 188)

⁵ Informações retiradas de NOVARO (2011) e ROMERO (2001).

realizado na Espanha e posteriormente analisar a partir de veículos midiáticos argentinos (El Gráfico e Clarín) as expectativas em torno da participação no torneio da seleção campeã mundial de 1978 em uma conjuntura histórica complexa devido ao confronto bélico com a Inglaterra.

a) A Copa da Espanha: Em busca de uma imagem nacional e democrática

No ano de 1966 quando a Espanha foi ratificada para sediar o distante mundial de 1982 o franquismo entrava na sua última década e passava por um período de desenvolvimento econômico, abertura política e modernização da sociedade segundo Tussel (2010).

Esta indicação, que havia sido previamente levantada no Congresso realizado pela FIFA, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964 fazia parte de um projeto do regime do general Francisco Franco:

La carera de fondo para conseguir que nuestro país pudiera albergar la principal competición internacional de fútbol y uno de los principales eventos deportivos junto con los Juegos Olímpicos, se inserta irremediabilmente dentro de un proyecto político de largo recorrido que había tenido en el deporte, y principalmente en el fútbol, a una de sus principales herramientas de propaganda. Política y deporte tratarán de ir de la mano en el período del franquismo aunque no siempre con el éxito esperado desde el gobierno. El régimen logrará convertir el deporte en una cuestión de Estado a través principalmente del Partido Falange Española Tradicionalista (FET), transformándolo ao mismo tiempo en un elemento fundamental para la propaganda ideológica y el encuadramiento de la juventud en los valores que impondría la dictadura de Franco. (SIMÓN, 2012, p.19-20)

O futebol já se constituía em um esporte extremamente popular e uma das principais opções de lazer dos espanhóis desde a década de cinquenta. Nos anos sessenta apesar de permanecer o caráter intervencionista estatal da ditadura franquista no desporto segundo Tussel o órgão responsável que passou a ser a Delegação Nacional de esportes adquire certa autonomia em relação ao regime ditatorial:

En los cincuenta, el deporte y en especial, el fútbol se consagraron como una de las grandes diversiones de los españoles. La educación física se introdujo en el sistema educativo español a partir de los años cuarenta. De la popularidad del fútbol da cuenta el hecho que el diario Marca, principal pero no exclusivamente tirado a el, tiraba 350.000 ejemplares, y se convirtió desde entonces en el más vendido. La organización del deporte después de la guerra civil se hizo depender de la Secretaria General del Movimiento y tan sólo a partir de los años sesenta la Delegación Nacional de deportes actuó con cierta autonomía respecto el poder político. (TUSSEL, 2010, p. 186)

A Espanha seria a sede da fase final da Eurocopa em 1964, e se tornaria a campeã após vencer a seleção da União Soviética por 2 x 1 no Estádio Santiago Bernabéu, quatro anos após ter sido desclassificada do torneio europeu por ter justamente se recusado a enfrentar os soviéticos. Diante do ditador Franco e sendo celebrado com uma conquista militar segundo Tussel (2010), o país conquistaria seu primeiro título de expressão internacional, que permaneceu como único até a vitoriosa geração do século XXI⁶, e se credenciou a postular a organização de um campeonato mundial dois anos depois. A vitória e a situação política são descritas no site oficial da UEFA:

España venía de brillar en cuartos tras derrotar por un aplastante 7-1 a la República de Irlanda y fue la elegida para albergar la fase final.

Esto estaba condicionado a la aceptación de la participación del equipo soviético. En 1960, España había sido descalificada después de que el General Franco negara su permiso para jugar ante la URSS. Cuatro años de desavencias políticas quedaron en el olvido cuando el fútbol se puso como centro de atención.

La URSS consiguió su billete para la final tras derrotar por 3-0 a Dinamarca en Barcelona, con goles de Valentin Ivanov y Victor Ponedelnik, que habían sido campeones en 1960.

En la otra semifinal, un gol en la prórroga del jugador del Real Madrid CF Amancio permitió a España vencer por 2-1 a Hungría. En el equipo español jugaba el centrocampista Luis Suárez, que por aquel entonces ya era campeón de Europa de clubes con el FC Internazionale Milano, y que ponía la experiencia y veteranía a una joven España.

En la final disputada en el Santiago Bernabéu, bastaron seis minutos de juego para que Suárez enviase un centro preciso que Jesús Pereda envió a la red. Galimzian Khusainov empató pronto para los soviéticos, aunque un memorable cabezazo de Marcelino a seis de la conclusión le dio el triunfo y el título a España.⁷

Enquanto a seleção espanhola não atingiu grande prestígio internacional na segunda metade do século XX, suas principais equipes se transformaram em grandes ícones do futebol mundial desde os anos quarenta. O Real Madri, por exemplo, que era constantemente associado ao regime franquista devido à liderança do presidente Santiago Bernabéu⁸ e a associação de diversos ministros do governo,

⁶ A mais vitoriosa geração espanhola no futebol foi bicampeã europeia em 2008 e 2012 e campeã mundial na Copa do Mundo da África do Sul em 2010. Antes desses títulos, somente o campeonato europeu de 1964 tinha sido uma conquista expressiva.

⁷ Trecho retirado do site

<http://es.uefa.com/uefaeuro/season=1964/overview/index.html#espana+corona+pais>. Acessado em 14/09/2018.

⁸ Santiago Bernabéu Yeste (1895-1978) foi atacante do Real Madri nas primeiras décadas do século XX, lutou durante a Guerra Civil espanhola nas tropas franquistas e depois se tornou presidente do clube no período de (1943-1978). Era empresário e funcionário da fazenda e foi um dos principais responsáveis pela ascensão do clube a partir do final dos anos quarenta e da associação da equipe aos falangistas. Informações retiradas de TUSSEL (2010),

teve jogadores lendários como o húngaro Puskas e o argentino Di Stéfano⁹.

O Barcelona tinha muito poder econômico devido a grande quantidade de sócios e transforma-se simbolicamente no grande rival catalão, o Atlético Bilbao representava a minoria basca e o Atlético de Madrid que havia se fundido com o Atlético de Aviación da Aeronáutica incorporava no time muitos militares e acaba tendo a imagem associada à caserna.

Apesar das especificidades, segundo Tussel, todos os times espanhóis sofrem até 1967, intervenção estatal e influência do discurso nacionalista do regime no período denominado pelo autor como apogeu (1951-1965):

Hasta los próprios clubs de fútbol llegó la intervención política del Estado: todos los equipos debían tener al menos dos falangistas, norma que no desapareció hasta 1967. El nacionalismo no sólo afectó a la necesidad de suprimir las denominaciones de los clubs inglés, sino la desaparición de extranjeros durante los años sesenta. El lenguaje del periodismo deportivo, por ordénes de la censura, se castellanizó y adquirió en ocasiones un tono épico. Los presidentes de los clubes foran originalmente nombrados pelos delegados nacionales. (TUSSEL, 2010, p. 187)

Com o advento da televisão que surge no país em 1956, nas décadas de sessenta e setenta ocorre um fortalecimento da popularidade dos esportes e na massificação dos espetáculos esportivos. Segundo Carr e Fusi (1979, p. 168), a difusão social e regional da televisão foi muito grande em poucos anos e este instrumento teria sido o único meio cultural que não foi afetado pelas distintas aberturas culturais do regime devido ao monopólio da TVE estatal e muito dinheiro de publicidade. Se em 1960 apenas 1% dos lares espanhóis possuía televisores, no ano de 1977 os aparelhos estavam em 90% das residências.

Las retransmisiones en directo reforzaran la popularidad de los espectáculos deportivos: aquellas – y los éxitos de un deportista de talento, Manuel Santana produjeron la espectacular difusión del tenista a partir de 1964-1965. Pero las estructuras básicas del deporte y su papel social continuarón siendo lo mismo: un sistema basado en el atractivo de unas pocas superestrellas profesionales, escaso apoyo estatal y una explotación nacionalista abusiva de los éxitos de los deportistas españoles. La televisión – y el turismo – mantuvo también el interés por los toros, una industria declinante y corrompida em los años sessenta y setenta. (CAR e FUSI, 1979, p. 169)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_Bernab%C3%A9u,
<http://inbedwithmaradona.com/journal/2012/9/5/the-inviolable-santiago-bernabeu.html>.

⁹ Alfredo Di Stéfano é considerado um dos maiores jogadores argentinos de todos os tempos e é um dos maiores ídolos e artilheiros do Real Madri, onde jogou no período de 1953 até 1964.

A morte do General Franco após trinta e nove anos no poder em novembro de 1975, altera completamente a conjuntura política em que o país estava inserido no momento em que foi escolhido para sediar o mundial de 1982. O Franquismo já estava em decadência desde 1966, porém o falecimento do “caudilho da Espanha” é a gota d’água no processo de transformações iniciado no período conhecido como tardofranquismo.

A organização do evento, destarte o fato de ter sido postulada no auge do nacionalismo autoritário franquista, ocorrerá paralelamente ao período da transição democrática, onde florescem diversas disputas políticas, novos interesse liberais, além da peculiar presença monárquica encarnada na importante figura de Juan Carlos I.

Curiosamente Juan Carlos I foi escolhido pelo próprio ditador Franco e designado como seu sucessor ao invés de seu pai D. Juan desde 1969. Em 1974, durante a enfermidade do militar Juan Carlos chega a assumir interinamente, mas Franco retornaria ao cargo, morrendo no poder, fato que é metaforicamente comparado ao clássico livro de Gabriel Garcia Márquez “O outono do patriarca” por Carr e Fusi (1979, p. 260)

Segundo Tussel, o rei teria exercido um papel decisivo no período posterior ao óbito de Franco, sendo responsável pela mediação dos diferentes interesses e harmonização dos conflitos, além de tomar decisões ponderadas e importantes para as transformações democráticas. Sobre Juan Carlos I o autor afirma:

Su protagonismo quedó claro desde el principio. Se le pidió que realizara la ruptura como monarca absoluto para desembocar numa democracia, pero más que gobernar lo que hizo fue indicar. Fue descrito como el motor del cambio, y una otra obra histórica centrada en su figura há podido titularse como “El piloto del cambio”. En realidad le toco tocar el nudo gordiano de la situación política, a fines de 1975 mediante dos nombramientos decisivos – el de Fernández Miranda como presidente de las Cortes y el de Suarez como presidente del gobierno – y además servir como escudo protector de la intromisión militar. No intervino más, de modo que pudo ser descrito como un monarca constitucional antes de que hubiera Constitución. Ni siquiera quiso tener protagonismo a la hora de redactarla y el día que se aprobó el texto, se aseguró que el mismo había sido legalizado. En la medida que se puede simplificar estableciendo una especie de prelación entre los protagonistas individuales de la transición, bien puede decirse que Don Juan Carlos fue el primero, aunque ni remotamente pueda afirmarse que la hizo el. (TUSSEL, 2010, p. 281)

Ademais a Espanha durante o período de transição se encontrava também em um contexto de reestruturação eleitoral que culminou com a aprovação de uma nova constituição em outubro de 1978. Para Tussel (2010, p. 302-303) a elaboração da “magna carta” espanhola foi o resultado de um imenso trabalho legislativo, que, pela primeira vez na história do país teria representado um amplo consenso político com

raras exceções em partidos de extrema direita e esquerda que não repercutiram nos setores mais amplos da população.

Entretanto, segundo Simón (2012), apesar das intensas transformações políticas e sociais que atravessava a Espanha, este não era o momento mais apropriado para realizar um evento internacional espetacularizado como as Copas do Mundo de futebol. O país passava por dificuldades econômicas, necessitava de grandes obras de modernização e infraestrutura e encontrava-se em uma situação de instabilidade política. A própria imagem de uma jovem nação democrática poderia ser prejudicada caso o torneio fosse um fracasso.

Sin lugar a dudas, no era el contexto ideal para llevar a buen puerto un evento de la repercusión internacional de un Mundial; un acontecimiento que transcendía el meramente deportivo y que exigía un proyecto global que tendría que incorporar para tener éxito la remodelación de las comunicaciones, infraestructura, red hotelera, etc. Mostrar al exterior la nueva imagen de un país que pretendía recuperar a marchas forzadas el tiempo perdido, en médio de un proceso de normalización política que tendrá que vencer grandes dificultades. El proceso de diseno y planificación del Mundial se insertará en el período histórico que conocemos como transición democrática o transición post-franquista que comprende 1975-1982. Poco más de três meses que el cuarentón Dino Zoff levantará la Copa del Mundo en el estadio Santiago Bernabéu, el Partido Socialista Obrero Español liderado por Felipe González se imponía una abrumadora mayoría de votos en las elecciones de octubre, abriendo un nuevo momento histórico en la vida española que no se cerraría hasta la victoria del Partido Popular en 1996. (SIMÓN, 2012, p. 22)

Todavía, a realização do torneio acabou se tornando um marco nas mobilizações sociais do período da transição. Independentemente de ter sido um projeto anterior, cuja origem poderia estar associada à tentativa de utilização do esporte como ferramenta de propaganda do franquismo, o novo contexto político acabou influenciando uma resignificação daquela possibilidade histórica segundo o próprio Simón.

Segundo Palácio e Cascajosa o futebol é uma ferramenta importante de mobilização do espaço público e participação política e o período de transição democrática foi intensamente marcado pelo retorno das manifestações populares, sobretudo protestos e greves:

Como punto de partida de nuestro análisis debemos constatar que el espacio público es un elemento central para la sociabilidad española, que tiende favorecida, por el clima, a su uso frecuente en múltiples actividades que a la vez de ser formas de ocio son ejemplos de rituales colectivos: el fútbol como deporte más popular, verbenas, romerías y procesiones religiosas... A pesar de su limitada experiencia democrática, estos factores han favorecido que el espacio público sea también una herramienta para la participación política. (PALÁCIO E CASCAJOSA. In MESTMAN e VARELA, 2013, p. 241)

A organização do mundial de futebol em 1982 acabou se transformando em uma oportunidade para a nação espanhola mostrar ao mundo que estava se afastando do passado autoritário e que se modernizava. Interesses econômicos liberais também contribuíram para que o projeto fosse incorporado ao imaginário coletivo. A realização do evento passou a ocupar um espaço simbólico no discurso renovador vigente.

O futebol voltava a funcionar como operador de nacionalidade¹⁰, só que na Espanha diferente do que ocorreu no torneio realizado na Argentina quatro anos antes, eram as vozes democráticas e liberais que aproveitavam a mobilização social existente em torno da popularidade do esporte para tentar cunhar a ideia de integração.

Conforme assinala Bobbio (2013, p.45) o “nexo recíproco entre liberalismo e democracia é possível porque ambos têm um ponto de partida em comum: o indivíduo. Ambos repousam sobre uma concepção individualista da sociedade”. Neste sentido a ideia de integração nacional proposta também está vinculada a interesses políticos e econômicos que beneficiam grupos específicos dentro de uma lógica individualista.

Porém, segundo Simón esta expectativa social se transformaria em desencanto devido ao fracasso econômico do torneio e esportivo da seleção local conhecida como “Fúria” em 1982:

El nivel de politización de la vida pública y de las manifestaciones culturales, entre las que por su condición de espectáculo de masas tendrá un papel protagonista el fútbol, aumentará exponencialmente, lo que se reflejará en factores como el aumento del índice de lectura de los ciudadanos, la aparición de nuevas revistas y periódicos, junto con una amplia identificación e interés de la juventud en la marcha política. Movilización social que también tendrá su posterior fase de desencanto, y que se puede encontrar en el propio proceso de impulso, organización y desarrollo de España-82 en la identificación inicial del Mundial como oportunidad irreplicable con la que poder mostrar al mundo una nueva España más cercana de Europa y alejada del pasado franquista, y la posterior desilusión al comprobar que las desbordadas esperanzas depositadas en esta cita, sobre todo al nivel deportivo y económico, no habían sido alcanzadas en la medida que reclamaba la sociedad española. (SIMÓN, 2012, p. 24-25)

Apesar do desapontamento sinalizado por Simón com o “legado” do torneio, segundo o mesmo autor, no período de transição democrática a própria cultura desportiva espanhola estava em transformação. Reivindicações por uma valorização maior do desporto vinham de diversos setores sociais e principalmente, a partir das eleições municipais de 1979, o desporto passou a ser um assunto importante na agenda política sendo que a própria realização do torneio se tornou uma questão de debate público.

¹⁰ O termo operador de nacionalidade é um conceito desenvolvido pelo sociólogo argentino Pablo Alabarces em suas obras.

O CSD (Conselho superior de esportes) criado em 1977, como organismo autônomo do Ministério da Cultura e Educação, tinha como função descentralizar o controle das práticas e investimentos no desporto, promovendo as atividades esportivas em todo o país e combatendo a estrutura arcaica oriunda do intervencionismo estatal do período franquista.

Ademais, em 1980 foi sancionada a Lei Geral da cultura física e do desporto que tinha como objetivo aportar mais recursos para os investimentos nos esportes além de possibilitar maior fiscalização e transparência na gestão dos recursos públicos destinados ao desporto, inclusive no próprio CSD.

La intensa transformación de la cultura deportiva del país permitirá que el CSD declare a los medios un mês antes del inicio del Mundial, que se habían construido entre 1980 y mayo de 1982 más de siete mil instalaciones deportivas. Los partidos de izquierdas y nacionalistas defendían la idea que el dinero debía entregarse directamente a los ayuntamientos y comunidades autónomas mientras que el CSD se mostraba partidario a destinar una importante parte de lo presupuesto a las diferentes federaciones. La falta de transparencia del CSD había provocado que los socialistas criticaran el supuesto despilfarro de fondos públicos, marginando a los ayuntamientos en contra de los postulados que emanaban da Ley 13/1980 General de la Cultura Física y del deporte (SIMÓN, 2012, p. 36)

Independentemente da reorganização constitucional e das supostas modificações na “cultura desportiva” o país atravessava um período de grave crise econômica com altos índices de inflação e desemprego e uma brusca queda nas atividades industriais e agrícolas.

Todavía a realização do torneio chegou a ser vislumbrada como uma possibilidade de gerar oportunidades de emprego e estimular a atividade turística, bem como atrair divisas para o país.

Os clubes que seriam sede do torneio acabaram sendo incentivados a remodelar os estádios e cumprir as exigências da FIFA e do RCOM (Real Comitê Organizador do Mundial) que era presidido desde 9 de outubro de 1978 por Raimundo Saporta, ex- dirigente do Real Madrid e fiel escudeiro de Santiago Bernabéu, e apesar de receberem empréstimos públicos acabaram gastando muito dinheiro e aumentando suas dívidas

No contexto histórico do período da transição democrática: instabilidade política, crise econômica, e contestações à própria estrutura esportiva conservadora vigente, urge uma questão: “Como o RCOM conseguiu financiar o evento?”.

Dentro da nova lógica de organização dos torneios mundiais de futebol, desenvolvida na gestão do brasileiro João Havelange, a realização do mundial na Espanha acabou inserida no próprio processo intrínseco de espetacularização e mercantilização dos esportes modernos.

Segundo Melo Filho, advogado especialista em Direito Desportivo:

Notória é a progressiva mercantilização do desporto que passou do ócio (lazer) para o negócio (sport business), fazendo com que a filosofia olímpica de que o importante é competir fosse substituída pela máxima de que o importante é lucrar. É de todos conhecida a indústria do espetáculo desportivo que congrega publicidade estática, patrocínio nos uniformes de competição, licenciamento de produtos dos clubes, comercialização de marcas desportivas, investimentos de empresas em clubes e instalações desportivas, parcerias de clubes com empresas, enfim, são esses ingredientes que evidenciam o grau de mercantilização que atingiu o desporto, sendo indubitável que os interesses comerciais exercem hoje um papel predominante na esfera desportiva, resultando numa complexa rede de negócios e até “negociatas” que se formam em torno do desporto. (MELO FILHO, 2002, p. 41)

Neste sentido, segundo Simón (2012) , três foram os pilares básicos para o financiamento do Mundial de 1982: a venda de entradas, os direitos de televisão e a exploração comercial e publicitária.

No que diz respeito aos ingressos e os pacotes de viagem para o torneio, houve um monopólio por parte de um consórcio de empresas denominado Mundiespaña composto por quatro grandes agências de viagem (WagonLits Viagens, Viajes Ecuador, Viajes Meliá e Viajes Marsans).

Com relação aos direitos televisivos houve um acordo em meados de março de 1979 entre uma delegação espanhola composta por membros da RCOM e da RFEF (Real Federação Espanhola de futebol) com o presidente do Comitê organizador da FIFA, Hermann Neurberger que viabilizou cerca de 39 milhões de francos suíços, superando amplamente o montante de 24 milhões pagos aos argentinos no torneio anterior.

A questão das transmissões dos jogos era de extrema importância tanto para a FIFA, quanto para a própria imagem do país no cenário internacional. Foi necessária uma ampla reforma na infraestrutura de rádio e televisão espanhola (RTVE) que acabou recebendo grande parte dos investimentos e se constituindo em um dos únicos aspectos positivos que permaneceu para a sociedade espanhola segundo afirma Simón no artigo:

Ao mismo tiempo, el Mundial de España también obligará en nuestro país a impulsar las reformas de infraestructuras básicas para poder acortar las distancias con los países del entorno europeo. La profunda transformación de la RTVE permitirá cambiar las estructuras de la cadena pública, logrando dar la mayor cobertura televisiva de una Copa del Mundo en toda su historia. El Campeonato del Mundo de fútbol será un éxito en relación con las retransmisiones televisivas marcando un claro punto de inflexión en el futuro de la presencia del deporte en la pequeña pantalla. (SIMÓN, 2012, p. 15)

A exploração comercial de produtos associados ao mundial como por exemplo, o carismático mascote “Naranjito” através de camisetas, chaveiros, bonés etc, e a captação de altos recursos em publicidade com

diversas empresas multinacionais contribuiu bastante para a arrecadação de capitais para o torneio.

Enquanto externamente a empresa West Nally, credenciada pela FIFA, era a responsável pela comercialização dos produtos, no âmbito interno foi criada uma companhia exclusivamente para explorar os produtos do mundial. A Ibermundial 82 tinha exclusividade para outorgar licenças ou qualquer outro tipo de direito e segundo Símon (2012) em setembro de 1981 já tinha conseguido comercializar seus produtos com mais de oitenta grandes empresas, dentre elas multinacionais como a Coca-Cola, Canon, Gillete e Fuji.

Neste contexto de articulação de investimentos liberais, o governo espanhol conseguiu viabilizar os recursos necessários básicos para a realização do evento, apesar de diversas suspeitas de desvio de verbas e do referido endividamento de grandes clubes espanhóis como o Real Madri, por exemplo, que foi o clube que mais gastou com a remodelação do estádio Santiago Bernabéu.

Resolvida a questão econômica, o grande temor dos organizadores era o acontecimento de possíveis ataques terroristas dos grupos separatistas que se tornaram mais frequentes durante o período da transição democrática apesar da política de Autonomías consagrada no ano de 1979 para os bascos, catalães e posteriormente habitantes da Galícia.

A maior ameaça vinha do grupo basco ETA (Euskadi ta Azkatasuna) que quer dizer em português “Pátria basca e liberdade”. Ele foi criado em 1959 no contexto das lutas nacionais de liberação de Cuba, Argélia e Vietnã e na década de setenta quando se definia como um movimento socialista basco de liberação nacional segundo Carr e Fusi (1979, 211), atuava com regularidade em ataques clandestinos.

Segundo Simón a preocupação com a segurança durante o torneio foi muito grande sendo elaborado um esquema militar rígido de segurança das seleções, dos torcedores e turistas que ficou conhecido como “Plano Laranja 82”.

Al mismo tiempo, desde la última etapa del franquismo hasta principios de los años ochenta, España vivirá el período más duro del terrorismo de ETA, los sangrientos años del plomo provocarán durante la época del gobierno de la Unión de Centro Democrático (UCD) el fallecimiento de 337 personas. El grand temor de todos los miembros del RCOM era que ETA decidiese aprovechar el Mundial para realizar alguno de los atentados a los que desgraciadamente había acostumbrado a la sociedad española. Se pondrá en marcha un plan contra posibles ataques terroristas, el “Plan Naranja 82” con el que el Ministerio del Interior tratará de garantizar la seguridad gracias sobre todo a los treinta y cinco mil miembros de las Fuerzas de Seguridad del Estado que estarán encargadas de proteger a futbolistas, delegaciones y aficionados. Se incidirá fundamentalmente en la vigilancia de los hoteles de las selecciones, en el control de sus desplazamientos, los estadios y el acceso a los mismos, junto con los lugares de entrenamiento y la propia protección ciudadana, para tratar de prever cualquier eventualidad que pudiera ocurrir durante esos días. (SIMÓN, 2012, p. 7)

Apesar da apreensão generalizada, da extrema segurança em torno das equipes e principalmente na seleção espanhola que tinha seis jogadores bascos campeões da liga pelo Real Sociedad¹¹, além das constantes polêmicas sobre o assunto nos meios de comunicação nos anos anteriores à Copa, o torneio acabou sendo disputado em condições de segurança normais. Não é possível afirmar se foi o Plano Laranja 82 que deu certo ou se os membros do ETA estabeleceram uma trégua consensual durante o campeonato, mas o fato é que não foram registrados atentados graves durante o evento.

Assim sendo, o Mundial de 1982 já foi realizado dentro de uma nova lógica liberal espetacularizada, acompanhando as transformações iniciais em torno dos megaeventos esportivos, ocorridas principalmente a partir do final dos anos setenta, com o advento da televisão e da participação de muitas empresas multinacionais. O evento transcorreu sem atentados políticos marcantes, e gerando muitos lucros para a “moderna” gestão da FIFA presidida por João Havelange.

Segundo o geógrafo Gilmar Mascarenhas levando em consideração a sociedade do espetáculo, do simulacro, das representações:

O futebol se insere nesse movimento como espetáculo promovido e alimentado em consonância com grandes interesses capitalistas.

Sendo a Copa do Mundo o momento ápice do futebol espetáculo, não poderia estar isenta dos mecanismos e interesses que conformam a produção espetacular do futebol. Nas últimas duas décadas é notável o processo de transformação desse evento no tocante a espacialidade. (MASCARENHAS, 2014, p. 213)

Entretanto, segundo Simón (2012), para os espanhóis a organização do torneio teria representado uma desilusão, pois além do fracasso da seleção nacional, o suposto retorno econômico e social a partir do estímulo ao turismo e a geração de empregos não se tornou uma realidade e o próprio futebol espanhol entraria nesta década em uma crise profunda oriunda dos grandes investimentos feitos pelos principais clubes que se transformaram em altas dívidas.

A vitória de Felipe González do PSOE em outubro renovaria as esperanças políticas da esquerda no país e mobilizaria grande parte da sociedade contra as transformações liberais adotadas. A Espanha entrava em um novo período da sua História e a transição da ditadura franquista havia se completado com a eleição de um governante socialista, porém a realização da Copa do Mundo não parece ter contribuído de forma concreta para a construção de uma nova imagem nacional democrática.

b) Argentina. A mobilização não está na seleção e sim na guerra real.

¹¹ O Real Sociedad é uma equipe da cidade de San Sebastián e durante muitos anos a maioria dos jogadores do time tinha que ser basca.

Diferentemente do que ocorreu durante o mundial anterior com o torneio realizado na Argentina¹², o grande mecanismo operador de nacionalidade na conjuntura política de 1982 nos dois periódicos analisados era a luta pela afirmação da soberania nas ilhas Malvinas, ou Falklands como é oficialmente chamada pelos ingleses.

A cobertura midiática do conflito é muito criticada pelos estudiosos do tema como Lucrecia Escudero (sem data) e jornalistas memorialistas como Carlos Urlanovsky (2011).

No caso das reportagens sobre o conflito bélico segundo esses autores, teria ocorrido a manipulação constante de informações e estratégias de deturpação dos próprios fatos históricos a partir de duvidosas fontes.

El 2 de abril de 1982 los argentinos tuvieron la triste oportunidad de leer en sus diarios unos titulares increíbles: “Tropas argentinas desembarcan en Malvinas” informaba, por ejemplo, *Clarín*. Lo que sucedió a partir de esa instancia – que no concluye con la finalización de las acciones bélicas- se corresponde con uno de los momentos más horrorosos del país y del periodismo local durante el siglo. (URLANOVSKY, 2011, p.130)

A partir de Lucrecia Escudero (sem data) que analisou detalhadamente a cobertura midiática do conflito, identifica-se que o Jornal *Clarín*, por exemplo, teria adotado uma dupla estratégia após a rendição do efetivo nas ilhas Geórgia, por exemplo, fato que segundo a autora estabelece a criação de um leitor modelo múltiplo:

El 25 de abril y cuando ya se habían rendido los efectivos argentinos el diario Clarin produce su primero desembrague temporal y espacial afirmando en primera plana “Las naves del Reino Unido permanecen en las cercanías de las Geórgia del Sur en medio de un temporal”. La nota, de fuente militar argentina, informa que dos buques de guerra están en las inmediaciones pero que “cualquier ataque a las Georgias no podría concretarse antes del martes 27”. La agencia argentina DYN agrega que las naves argentinas mantienen un control total de la situación”, pero que su posición es un secreto militar.

A partir de esta información el periódico construirá dos mundos posibles alternativos pero no intercambiables. Uno, de fuente militar, donde la dotación en las islas sigue resistiendo por más de diez días y donde no se consigna ningún comunicado de rendición. Otro, de fuente británica, donde los argentinos se han rendido a las 17:15 horas del día 25 de abril. Entre la construcción de estos dos mundos antagónicos, *Clarín* trata de jugar independientemente la estrategia de su propio espacio que identifica con el espacio del lector. Hasta que finalmente no puede sustener el mundo posible militar

¹² A Copa do Mundo de 1978 foi o tema da minha tese de doutorado e ambos os veículos foram analisados e comparados com dois periódicos brasileiros, a Revista Placar e o Jornal do Brasil. Para maiores informações sobre esse torneio ver o livro Argentina 78. Uma Copa do Mundo, política, popular e polêmica (2018).

argentino y elige definitivamente la versión inglesa (ESCUADERO, SEM DATA, pág 179-180)

Neste sentido o que predomina nas páginas do jornal antes do início da Copa do Mundo são as diversas notícias sobre a Guerra das Malvinas e a tentativa de demonstrar diferentes versões possíveis sobre o conflito. A cobertura sobre o torneio e matérias sobre as expectativas e mobilização social em torno do evento são isoladas e praticamente ofuscadas até a partida inaugural contra a Bélgica. Mesmo o caderno esportivo suplementar é muito menor e contém uma equipe de jornalistas e cronistas inferior a cobertura do mundial de 1978.

Todavía podemos identificar em ambos os periódicos analisados alguns temas relacionados ao torneio recorrentes. Primeiro havia muita expectativa em torno de Maradona, que estava lesionado, mas se recuperou a tempo de jogar na estreia, e encontrava-se em processo de negociação para se transferir ao Barcelona. Depois identificamos críticas à organização do evento, sobretudo ao sistema de venda de ingressos, além um interesse específico na cobertura da seleção brasileira.

É possível perceber uma atenção especial à equipe treinada por Telê Santana, como ,por exemplo, na matéria sobre um simples amistoso realizado pela seleção. “Brasil se afianza em Portugal”:

Brasil derrotó al Amora, de la primera división portuguesa en un partido de práctica liberada en esta ciudad.

Éder, Zico, Sócrates y Serginho (en dos oportunidades) convirtieron los goles del ganador en el Estádio Nacional de Lisboa.

Brasil presentó esta formación: Valdir Pers, Edevaldo, Oscar, Luizinho y Junior; Falcão, Sócrates y Zico; Dirceu, Serginho y Eder.

Brasil se concentró en Portugal hasta el día 08 de junio, fecha en la cual partirá hacia la España.

Telê Santana, técnico de los “tricampeones” manifestó su tarea del equipo al cual – considera – que se encontra cerca del estado ideal. (CLARÍN, 13.035 – 06/06/1982, p. 29)

Em reportagem sobre o grupo do Brasil, a revista El Gráfico aponta o Brasil como “el gran candidato” apesar da irregularidade nos últimos amistosos antes do início do torneio:

Brasil, de la mano de su técnico Telê Santana, recuperó su libertad de creación, superando los automatismos defensivos que le habían inculcado Zagalo y el malogrado Cláudio Coutinho en sus últimas apariciones en Copa del Mundo (1974 y 1978). Pero en su última etapa preparatoria, tal como ocurrió a nosotros, han generado en la “torcida” brasileña sentimientos contrapuestos que viraron de la euforia a la decepción a la duda , de la duda otra vez a la euforia. Sus últimos partidos de esse proceso de preparación dan la medida de esa temperatura variable que fue desde el frío decepcionante de su empate 1-1 con el modesto conjunto de Suiza (su único gol fue de Zico al convertir un penal) al calor desbordante de su goleada 7-0 ante Irlanda en la despedida antes de partir rumbo al Hotel “Do

Guincho” en el balneario portugués de Sintra a 30 kilómetros de Lisboa, antes de viajar hacia sua sede en Sevilla. (EL GRÁFICO, n.3270 – 08/06/1982, p. 60-61)

No que concerne as diversas reportagens criticando a organização do torneio no Clarín gostaria de destacar “La venta de entradas y el disgusto del público” que sinaliza além dos protestos dos torcedores locais, o fracasso na venda de ingressos pela empresa Mundiespaña de pacotes para os jogos da Copa:

La deficiente organización por la venta de entradas causó el disgusto de los aficionados locales. Las principales quejas se refieren a la preferencia que se da a los socios de los clubes y a lo reducido numero de localidades que fueron puestas en venta. En Valencia se agotarán rápidamente para el debut de España.

Luego de los primeros dias de venta de las localidades para el Mundial, los aficionados locales han manifestado su enojo y sus protestos debido a la mala organización, la preferencia que se da a los socios de los clubs y por el reducido contingente de entradas puestas en venta.

En Barcelona, los primeros compradores tuvieron que hacer colas durante más de un día para enterarse después ,en ventanilla que la venta correspondía a “paquetes” para los cinco encuentros a disputarse en el Nou Camp. Los precios del mismo varían entre 27 y 140 dólares de acuerdo con la ubicación. Ello originó que hayer las colas se “esfumaran” y la venta haya sido calma.

Como es sabido, la oferta de estos paquetes se debió ao poco éxito que tuvo la comercialización de los mismos por parte de la agencia “Mundiespaña, encargada de colocarlos en el extranjero y que debido a su fracaso se vio obligado a devolver la mitad de los boletos que le fueron asignados. Ahora esas mismas entradas están tratando de ser colocadas en el público español con un recargo de veinte por ciento en su precio original. (CLARÍN, N. 13.040 – 10/06/1982, p. 36)

Reforçando o argumento da desorganização, segundo uma pequena nota de El Gráfico, a festa de inauguração do mundial teria sido ameaçada por uma greve de estudantes que participariam da cerimônia, que mesmo assim acabou sendo muito elogiada pela própria revista em outra reportagem intitulada “La Fiesta de la Paz”¹³:

Una huelga casi destronaza la fiesta inaugural de Espana 82. La proyagonizaron los estudiantes de los colegios que intervinieron en las distintas fases de la ceremonia. Hubo un pedido de dinero que se salvo con la intervenció de los padres de los alumnos. El arreglo consistió en la entrega de entradas para los distintos partidos a jugarse en Barcelona ala segunda vuelta. (EL GRÁFICO:, N.3271 – 15/06/1982, P.78)

O foco principal das reportagens sobre a seleção argentina estava em Diego Armando Maradona. O jogador que tinha ficado de fora

¹³ EL GRÁFICO, N.3271 – 15/06/1982, Pgs 86 até 89.

da equipe campeã em 1978 havia se transformado em estrela internacional e estava prestes a assinar um contrato milionário com o clube catalão, fato que se concretizou dias antes do início da Copa e transformou a cidade de Barcelona ainda mais receptiva aos argentinos segundo a reportagem “Una ciudad expectante”:

Es indudable que la selección argentina tendrá un ambiente favorable en esta ciudad. En sus filas se encuentra Diego Maradona, ahora hombre de Barcelona. Y ello es suficiente para prolongar las simpatías a todo el equipo.

José Masferrer, director del Hotel Valles, ubicado a 17 kilómetros del centro de la ciudad y elegido para la concentración argentina, destacó que estaban previstos todos los detalles para brindarle un cálido recibimiento a los campeones del mundo. (*CLARÍN*, N. 13.042 – 12/06/1982 , p.32)

Em matéria de teor épico e passional o contrato do jogador é descrito pelo repórter Guillermo Blanco da Revista El Gráfico como a transferência do século devido às altas cifras envolvidas, a importância histórica do Barcelona e a própria reputação que o “craque” argentino já possuía internacionalmente:

Lo dirá la Historia: El viernes 4 de Junio de 1982, en Barcelona se firmó el pase del siglo. Y Maradona llegó a la tierra prometida.

El Mediterráneo acompañaba la calma de la siesta a través de las ventanas del hotel El Montiboli. Diego estaba ahí, descalzo, recostado, sobre uno de los mullidos sillones del hall central, mientras altera su imagen viajaba por los caminos de España cabalgando en las tapas de diarios y revistas, y se filtraba en cada casa, y en cada auto por medio de la radio y la TV. Era miércoles y aún faltaban dos días para emprender el viaje a Barcelona con el fin de aceptar con su pluma y su palabra el futuro propuesto por este monstruo de institución llamado Fútbol Club Barcelona. En realidad Maradona se sintió definitivamente jugador azulgrano cuando recibió la noticia desde sus oficinas de Viamonte 675, en Buenos Aires de labios de su representante Jorge Cyterszpiller. No faltaron demasiadas palabras para darnos cuenta de su pensamiento. Un simple: “Trajiste la camiseta del Barsa? fue suficiente. Era uno de esos momentos en que el pasado se desliza por la imaginaria calle del recuerdo para encontrar los mojonos más importantes. Los que fueron cimentando su existencia. Los que se quedaron fijados en la canchita del Estrella Roja en Villa Fiorito, allá lejos y hace tiempo. El que le marca este pase record en la historia del fútbol de la Tierra. Este momento de descanso es propicio para pensar en ese futuro mediato que se le presentará con toda su carga de incógnitas y esperanzas el 28 de Julio a las 11 de la mañana al presentarse en el Camp Nou. (*EL GRÁFICO*, N. 3270, p.83-84)

Entretanto, pode-se perceber que mesmo na Revista El Gráfico, dedicada exclusivamente aos esportes e com uma cobertura direcionada para o Mundial da Espanha além de outras modalidades, a preocupação com a guerra das Malvinas está presente de forma

ostensiva. O editorial do N.3270 por exemplo que possui o seguinte lema “Cada un en lo suyo defendiendo lo nuestro” apresenta a equipe de jornalistas da seguinte forma:

Algo más que un slogan.

Una tomada de conciencia. Un compromiso. La responsabilidad de dar lo mejor de nosotros mismo en el trabajo cotidiano. Allí donde el deber lo imponga. Y con las armas de todos los días. Porque una herramienta también es un fusil. Como lo puede llegar a ser la raqueta de Vilas debatiéndose en Roland Garros frente a la juventud de un fenómeno que surge o un volante girando a todo vértigo en el Grande Premio “Islas Malvinas” que supimos compartir con dez solidários pilotos de Latinoamérica. Un arma también es una máquina de escribir, una cámara fotográfica, un grabador, una línea de telex y la opinión comprometida de una revista deportiva. Por eso EL GRÁFICO asumió el compromiso de estar allí, donde la nota lo requiere y los lectores lo esperan. En la habitación de Miami donde Palma ve los guantes esperando su próxima pelea para defender su condición de monarca del mundo. En las canchas de Ferro y Quilmes, donde se jugaron las vibrantes alternativas de los primeros partidos por las semifinales del Campeonato Nacional. Y especialmente en España 82 con el 12 Campeonato Mundial de fútbol para estar junto al seleccionado argentino que espera el momento de inaugurarlo. Hasta allí llegamos con nuestro equipo dispuesto también a jugarse el Mundial. (EL GRÁFICO, N.3270 – 08/06/1982, P.3)

As diversas alusões à metáforas bélicas como “uma ferramenta também é um fuzil” ou “uma arma também é uma máquina de escrever”, um gravador, uma câmara fotográfica, etc” denotam o a atmosfera pesada da guerra e o envolvimento que os jornalistas da revista e o próprio país estavam com o conflito armado.

Inclusive as referências esportivas de outras reportagens da edição como à raquete de Guillermo Villas que fôra derrotado por Mats Wilander na final do tradicional torneio de Roland Garros, as luvas do campeão mundial dos super-galos Sérgio Victor Palma que estava pestes a defender seu título, as semifinais do campeonato argentino e uma competição automobilística simbolicamente nomeada de Ilhas Malvinas reforçam a atmosfera de confronto.

Entretanto a ideia de defesa da pátria nos gramados desta vez se limita a esfera esportiva antes do início da Copa, visto que a realidade se materializava de forma concreta com os confrontos e as mortes de jovens argentinos no pacífico sul. As corriqueiras metáforas do futebol como guerra ou espelho da nação sucumbem à brutalidade da batalha real, mas continuam tendo certa ressonância no discurso apresentado pela revista.

Todavía apesar do editorial da edição supracitada proliferar referências à luta armada, paradoxalmente a mensagem direcionada a seleção nacional “de todos los hinchas argentinos” contidos na última página do mesmo número remete a honra, orgulho dos argentinos e a paz:

- Para que recuerden, a cada instante, que ustedes son Argentina siempre en la cancha y fuera de ella.
- Para que comprendan que el privilegio de vestir esa camiseta exige responsabilidad, disciplina, respeto por los compañeros, por los rivales y por lo público.
- Para que el sentimiento de orgullo, amor propio y vergüenza no desaparezca en ningún caso de sus almas.
- Para que sepan que millones de niños están viendo en ustedes un modelo a seguir.
- Para que los ojos del mundo que los observan sepan que son hijos de un pueblo que ama la paz.
- Para que la habilidad y el talento sigan siendo los fundamentos del éxito.
- Para que mucho más allá del superprofesionalismo impere, en ustedes, la lealtad y el juego limpio.
- Para que haya un solo perdedor: la violencia.
- Para que llegue hasta vuestros oídos aquel sonido incomparable de aliento que llenó las inevitables jornadas de Rosario Central y River Plate.
- Para que ganen aun perdiendo.
- Para que sigan siendo campeones mundiales y en el regreso encuentren un cielo en paz (EL GRÁFICO, N. 3270 - 08/06/1982, P.90)

A preocupação com a conduta da equipe, o comportamento civilizado e o “fair play” parecem remeter a imagem do país no exterior através da seleção de futebol. O fato do conflito nas Malvinas estar se encaminhando para o seu desfecho talvez tenha influenciado também o teor desta mensagem que termina clamando por um retorno vitorioso de uma equipe em uma Argentina que não esteja mais em guerra.

A ideia de que os argentinos não devem perder seu orgulho próprio em nenhuma circunstância, que são pacíficos e que a violência deve ser a grande perdedora, pode ser interpretada como uma mensagem de paz, mas que também tem um conteúdo nacionalista dentro do contexto político em que se encontrava o país.

O editorial de El Gráfico após a estreia com derrota diante da Bélgica vai valorizar a questão política em detrimento dos aspectos futebolísticos, destacando o caráter “trágico” do conflito, exaltando a defesa da soberania argentina e a suposta valentia dos soldados do país

Para los argentinos el valor de las palabras también readquiere su exacta dimensión. TRAGEDIA, HORROR, AMARGURA Y FRUSTRACIÓN se reubican en la nomenclatura corriente. Ninguna derrota deportiva, por más grande que sea, SERÁ JAMÁS UMA TRAGEDIA. Porque lamentablemente hemos incorporado la tragedia a nuestra cotianeidad. Vamos creciendo como país verdadero y vamos poniendo nuevas pautas de vida a nuestras esperanzas. Hasta el 2 de abril de 1982 PAZ era una palabra, ahora es un ruego vital, una plegaria augusta, una súplica sublime. Hoy, los soldados que defienden nuestra soberania en las Islas Malvinas están incorporados definitivamente a nuestras almas. Sus imágenes navegan frente a nosotros, su valentia es nuestro espejo. (EL GRÁFICO, N.3271. 15/06/1982, P.3)

Apesar do tom nacionalista é possível perceber um discurso ambíguo, a situação dramática em que se encontrava o país diante do conflito e a necessidade concreta de rendição para as tropas do país¹⁴.

Entretanto fica explícito no mesmo editorial o papel dos jornalistas do veículo na defesa da posição argentina, demonstrando um alinhamento com a perspectiva geopolítica do país, legitimando assim uma guerra “trágica” para muitos jovens argentinos.

Los 21 hombres de EL GRÁFICO que están en España no se limitan sólo a trabajar en función del Campeonato Mundial de fútbol. Cada uno de ellos está entregando a periodistas y dirigentes de todo el mundo un folleto ilustrado, escrito em tres idiomas sobre el posición argentina frente al conflicto por las Malvinas. La obligación profesional allí, el corazón acá, junto a nuestros soldados. Y en medio de esta angustia que nos alcanza a todos cambiaríamos mil derrotas deportivas por un único e ansiado triunfo, el que todos esperamos y en el que todos confiamos. Será por eso que desde ahora y para siempre quedarán desterradas en las derrotas anecdóticas aquellas sonoras palabras talles como “drama”, “tragédia”, “frustración”. (EL GRÁFICO N.3271: 15/06/1982, P.3)

Nesse sentido, fica clara a postura nacionalista da revista, bem como a importância da Guerra das Malvinas como principal pauta midiática até o início do torneio que praticamente coincidiu com a rendição das tropas argentinas. A derrota desportiva na estreia é minimizada em função do conflito real.

A revista destaca o grande número de bandeiras argentinas estampadas com Ilhas Malvinas no estádio Camp Nou onde foi a estreia e até mesmo uma eventual solidariedade brasileira á causa independentemente de rivalidade futebolística:

El conflicto de las Malvinas produjo un hecho inusual en otras circunstancias. Un grupo de hinchas de Brasil portaba las banderas de su país con um agregado en lo alto del mástil: un banderín con los colores argentinos. (EL GRÁFICO:N. 3271: 15/06/1982, P. 78)

É possível perceber também no jornal Clarín inclusive em reportagens sobre a Copa do Mundo a importância social do conflito. Um exemplo está na matéria com o narrador da popular Rádio Rivadavia Antônio Carrizo “El Mundial no es sólo fútbol”:

Con habilidad periodística (y conmovida sinceridad) Carrizo dijo que no es fácil estar a tantos miles de kilómetros de la Patria en momentos como estos”. Aludió así a la emoción de los jugadores de la Selección y vinculó el Mundial con la lucha de las Malvinas...

Carizzo supo transmitir al público argentino la permanente preocupación por noticias malvinenses de todo el equipo de

¹⁴ Como a rendição ocorreu no dia 14, um dia após a partida e a revista foi às bancas no dia 15, não é possível afirmar categoricamente, mas acredito que este editorial tenha sido escrito antes da rendição oficial das tropas. E um dia depois, o general Leopoldo Galtieri renunciaria.

periodistas, técnicos y jugadores, trasladados a España. (CLARÍN, N.13.041 – 11/06/1982. Sección Espectáculos, P.3)

O argumento de que é complexo estar distante da “pátria” em um momento histórico dramático como o que o país vivia, bem como a própria vinculação da emoção dos jogadores da seleção nacional à guerra nas Malvinas demonstra, na minha visão, uma representação simbólica atribuída ao conflito que transcendia os campos de batalhas ou a esfera militar reverberando na construção de discursos nacionalistas difusos e muitas vezes também confusos. A própria afirmação da preocupação dos jornalistas, jogadores e comissão técnica em estarem atualizados com notícias do conflito reforça a importância social do conflito em detrimento da disputa de um campeonato mundial de futebol.

No dia da estreia, César Luís Menotti, novamente técnico da seleção e cronista do Clarín¹⁵ no suplemento especial do mundial explicita o sentimento nacionalista e de solidariedade com as tropas do país:

Por supuesto que nosotros padecemos el mismo dolor de todos los argentinos por la agresión imperialista, por la sangre compatriota derramada. Y eso condiciona nuestro entusiasmo. Pero este es nuestro trabajo. Un trabajo que realizamos con seriedad y esfuerzo. Y también es nuestra homenaje. (CLARÍN. 13.043.13/06/1982: SUPLEMENTO MUNDIAL, P.5)

Neste sentido, o próprio treinador da seleção nacional em crônica que a princípio seria apenas para falar das expectativas futebolísticas da partida inaugural, faz menção a defesa do país contra uma “agressão imperialista” e expressa a tristeza com os soldados mortos em combate demonstrando assim um alinhamento com o discurso nacionalista que se propagava com o conflito.

Ademais, outro fato histórico que repercutiu intensamente no jornal as vésperas do mundial foi a visita do Papa João Paulo II ao país. A presença do sumo pontífice em uma conjuntura de conflito bélico, obviamente também contribuiu para que a cobertura em torno da seleção nacional de futebol fosse minimizada.

A intensa mobilização popular e a cobertura midiática em torno da presença do chefe da Igreja católica são fatores identificáveis a partir de diversas reportagens e das próprias capas do jornal as vésperas da estreia na Copa como, por exemplo, na edição 13.042 do dia 12/06/1982 em que as únicas manchetes foram: “Apoteótica recepción del pueblo argentino” e “El Papa abogó por una paz justa y digna”.

Assim sendo, a cobertura em torno da seleção nacional em ambos os veículos argentinos pesquisados enquanto a Guerra das Malvinas estava em curso, não teve, na minha opinião, o mesmo destaque que pode ocorrer em outras conjunturas históricas como por exemplo em 1978, conforme analisei na minha tese sobre o torneio realizado na Argentina.

¹⁵ Menotti, além de treinador, também foi cronista no Clarín em ambas as Copas: 1978 e 1982.

Considerações possíveis.

O presente artigo teve como finalidade desenvolver questões sobre o Mundial de 1982 realizado na Espanha a partir de um olhar histórico tanto para a contextualização do evento esportivo, quanto para a pauta midiática dos periódicos argentinos analisados.

Na primeira parte procurei elaborar a partir de uma bibliografia específica a conjuntura da realização do evento priorizando questões políticas, sociais e econômicas e utilizando principalmente a obra de Juan Simón para compreender melhor o contexto histórico e a relação do torneio com as transformações pela qual passava a Espanha desde o fim da ditadura franquista.

O segundo item do artigo teve como foco uma análise das reportagens dos veículos argentinos trabalhando com a hipótese de que o operador de nacionalidade e o tema principal que pautava os periódicos analisados enquanto transcorria o conflito, era a Guerra das Malvinas.

Apesar das expectativas com relação à participação da seleção que era a campeã do mundo no torneio na Espanha, mesmo na revista esportiva *El Gráfico*, especialmente em seus editoriais fica explícito o envolvimento pessoal dos jornalistas dos periódicos e o engajamento com a retórica nacionalista estabelecida diante do conflito bélico.

Neste sentido, espero poder contribuir para que novas pesquisas e abordagens sejam desenvolvidas sobre um mundial que apesar de ser muito importante no imaginário coletivo sobre Copas do mundo no Brasil, possui poucas referências acadêmicas em nosso país, além de estimular diferentes olhares sobre as relações políticas entre mídia e eventos esportivos.

Fontes

Jornal Clarín. 01 de junho a 15 de junho de 1982, N. 13.031 até N.13.045.

Revista *El Gráfico*. 01 de junho até 15 de junho de 1982 até 15/06, N. 3269 até N. 3271.

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2013.

CABO, Alvaro Vicente G. Truppel P. do. *Argentina/78. Uma Copa do Mundo Política, Popular e Polêmica*. Curitiba: Appris, 2018.

CARR, Raymond e FUSI, Juan Pablo. *España, de la dictadura a la democracia*. Barcelona: Editorial Planeta, 1979.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro : Eduerj, 2014.

MELO FILHO, Alvaro. *Diretrizes para Nova Legislação desportiva*. In *Revista Brasileira de Direito Desportivo*. São Paulo: IBDD, 2002.

NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina:1955-2010*. Buenos Aires:Siglo Vintiuno Editores, 2011.

NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *História argentina:la dictadura militar 1976 – 1983:del golpe de Estado a la restauración democrática*. Buenos Aires: Ed.Paidós, 2013.

PALÁCIO, Manuel e CASCAJOSA Concepción. *España. El espacio público desde la transición democrática a los éxitos deportivos*. IN MESTMAN, Mariano e VARELA, Mirta. *Masas, Pueblo, multitud en Cine y televisión*. Buenos Aires: Eudeba, 2013.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, 2001.

SCUDERO, Lucrecia. *Malvinas: el gran relato. Fuentes y rumores en La información de guerra*. Barcelona: Gedisa Editorial, Sem ano.

SÍMON, Juan Antônio. *España 82 - La historia de nuestro mundial*. Madrid: T e B Editores, 2012.

SIMÓN, Juan Antonio. “El Mundial de fútbol de 1982: Escaparate de la nueva democracia española”. In *Materiales para la Historia del Deporte*. Sevilla. Universidad Pablo Olavide, n.10, 15 p. Disponível em http://www.upo.es/revistas/index.php/materiales_historia_deporte/articulo/view/538. 2012.

TUSSEL, Javier. *Dictadura franquista y democracia*. Barcelona: Editora Crítica, 2010.

URLANOVSKY, Carlos. *Paran las rotativas (1970-2000) : História de los medios de comunicación en Argentina*. Buenos Aires: 2005.

Recebido em 31 de janeiro de 2019
Aprovado em 30 de abril de 2019